

Introdução

A estrutura cultural eufórica que caracteriza o modernismo brasileiro – nisso quase oposta à do nosso modernismo, ainda muito preso à névoa e ilusão simbolistas – vai constituir-se como uma *segunda natureza do Brasil*. E a partir de então a imagem de marca, o mito de que precisava para exprimir cabalmente o novo sentido de força, de existência, de progresso, **um país que mudava profundamente e rejeitava com a água do banho a criança colonial e escrava que fora durante séculos**. (Grifo nosso)

Eduardo Lourenço
A Nau de Ícaro

O nosso modernismo importa essencialmente, na sua fase histórica, na libertação de uma série de recalques históricos, sociais, étnicos, que são trazidos triunfalmente à tona da consciência literária. **Este sentimento, de triunfo, que assinala assim o fim da posição de inferioridade no diálogo secular com Portugal e já nem o leva mais em conta, define a originalidade própria do Modernismo na dialética do geral e do particular**. (Grifo nosso)

Antonio Candido
Literatura e Sociedade

Existe uma rasura de Portugal no imaginário contemporâneo brasileiro? ¹ Esta questão serviu como ponto de partida para o tema desta tese: o estudo do modernismo português e do modernismo brasileiro com a intenção de investigar a transformação das relações entre os dois países durante esse movimento.²

A pergunta traz a marca das interpretações de Antonio Candido e Eduardo Lourenço. O primeiro é autor da “célebre” afirmação, ao comparar Romantismo e Modernismo: “enquanto o primeiro procura superar a influência portuguesa e afirmar contra ela a peculiaridade literária do Brasil, o segundo já desconhece Portugal, pura e simplesmente”.³ O segundo considera que o modernismo brasileiro “vai constituir-se como uma segunda natureza do Brasil [...] que mudava profundamente e rejeitava com a

¹ As entrevistas com Eduardo Lourenço e Silviano Santiago apresentadas no fim deste trabalho, foram feitas com a intenção de buscar um olhar contemporâneo sobre o modernismo em cada país, suas diferenças internas e desdobramentos.

² Como se afirma no resumo, referimo-nos à primeira fase do modernismo de cada um dos países. Em Portugal, o primeiro modernismo representado pela *Geração de Orpheu*, começa em 1915, data do lançamento de revista *Orpheu*, podendo considerar-se que acaba em 1927, ano do aparecimento da *Geração de Presença* ou segundo modernismo português. Já a primeira fase do modernismo brasileiro começa em 1922 com a *Semana de Arte Moderna* e estende-se até a Revolução de 30.

³CANDIDO, A. “Literatura e cultura de 1900 a 1945 (Panorama para estrangeiros)”. In: *Literatura e sociedade*, p. 112.

água do banho a criança colonial e escrava que fora durante séculos”.⁴ Abel Barros Batista desfaz o nó da tensão entre as duas posturas quando pergunta “se o afastamento recíproco entre as duas literaturas não era condição constitutiva da literatura brasileira”⁵ e, partindo dessa hipótese, re-pensa a afirmação de Antonio Candido: “‘Desconhecer Portugal’, não designa [...] algum estado de coisas prévio, lastimável ou louvável, mas uma construção e o resultado de uma construção projetada”.⁶

De fato, em 1925, Mário de Andrade definia Portugal como um “‘paisinho desimportante’ para os modernistas”,⁷ e em 1932 reconhecia “muito menos ligação contemporânea na expressão intelectual brasileira com a portuguesa, que com a francesa e a inglesa”.⁸ Entretanto, parece claro que não era com o Portugal contemporâneo à revolução modernista que o seu movimento pretendia romper. É o que se percebe pela resposta de Mário ao comentário de Graça Aranha, de que os modernistas eram a “câmara mortuária de Portugal”: “Quem pensava nisso! Pelo contrário: o que ficou dito foi que não nos incomodava nada ‘coincidir’ com Portugal, pois o importante era a desistência do confronto e das liberdades falsas”.⁹ Ou ainda, quando se refere às críticas ao projeto de criação da língua brasileira: “Enquanto isso, a melhor intelectualidade lusa, numa liberdade esplêndida, aceitava abertamente os mais exagerados de nós, compreensiva, sadia, mão na mão”.¹⁰ O movimento modernista português, por seu lado, integrava na revista *Orpheu* os brasileiros Ronald de Carvalho e Eduardo Guimarães.

Apesar da proximidade cronológica, o modernismo em língua portuguesa dá-se em momentos diferentes das duas culturas: o Brasil está num momento de expansão, de reconhecimento da sua potência como país; Portugal vive um momento de depressão, de reconhecimento de sua fragilidade como nação. Não obstante essas diferenças, a Europa está no horizonte dos dois países. O Brasil vai a Paris aprender o modo de realizar o desrecale localista, Portugal vai buscar aí o necessário contraponto ao nacionalismo compensatório do Saudosismo. É nesse sentido que podemos designar suas poéticas como “poéticas de dilaceramento”, provocado por um sentimento de ambigüidade no confronto com essa “europeização”. O Brasil, por ser um “povo latino, de herança cultural européia, mas etnicamente mestiço, situado no trópico, influenciado por

⁴ LOURENÇO, E. “Da literatura brasileira como rasura do trágico”. In: *A nau de Ícaro*, p. 201.

⁵ BATISTA, A. B. “Romantismo português e brasileiro: separação, exclusão”. In: *logovemos*, revista de poesia online, n.1.

⁶ Id., “O cânone como formação”. In: CANDIDO, A. *Direito à literatura e outros ensaios*, p.3.

⁷ SARAIVA, A. *O modernismo português e o modernismo brasileiro*, p.15.

⁸ Ibid., p.15.

⁹ ANDRADE, M. de. “O movimento modernista”. In: Aspectos da literatura brasileira, p. 244.

¹⁰ Id., Ibid., p. 245.

culturas primitivas, ameríndias e africanas”;¹¹ Portugal, por ter sido “durante muitos séculos, simultaneamente o centro de um grande império colonial e a periferia da Europa”.¹² Como se verá são os desvios ao modelo “europeu” o que dará o tom de originalidade aos modernismos periféricos.

Entretanto, se a autonomia requerida pelo projeto de modernização pode explicar a inexistência de um diálogo explícito entre os modernistas de ambos os países, a falta dele não nos impede de tentar aproximações entre poéticas e a partir daí identificar um outro diálogo, não localizável nas histórias da literatura, mas nas idéias que estiveram na base da criação das obras que compõem o modernismo em língua portuguesa.

Romper com formas de dizer é romper com formas de ver, ser, conhecer.¹³ A invenção de uma nova língua – meio através do qual se comunica uma cultura, um ritmo, um “modo de ser” – constitui um aspecto fundamental para os dois modernismos. Para o Brasil era importante o “abrasileiramento” da língua portuguesa, adequá-la à realidade brasileira, para melhor expressão de sua identidade. Para Portugal a questão da renovação da língua dizia respeito à ruptura com velhos arcaísmos e adequação como “moeda de troca” com o mundo “civilizado”. Quando na viagem que faz a Portugal em 1923, Oswald defende a criação de uma língua no Brasil diferente do português clássico, Almada já tinha escrito, em 1915, no Manifesto Anti-Dantas: “O Dantas saberá gramática, saberá sintaxe, [...] saberá tudo menos escrever que é a única coisa que ele faz!”¹⁴

Almada e Oswald foram aqueles que, dentro dos modernismos português e brasileiro inventaram linguagens próprias. Há nos dois um compromisso com a modernização sem submissão aos modelos. Da Europa, trouxeram sobretudo a liberdade de pensar: “O facto de ter nascido português pesou totalmente na minha pessoa e arte”,¹⁵ dizia Almada, bem próximo do que disse Oswald: “Se alguma coisa eu trouxe das minhas viagens à Europa dentre duas guerras, foi o Brasil mesmo”.¹⁶ Suas intervenções tinham como marca a positividade já que, embora fossem críticos do atraso, recusaram-se a aderir ao complexo de inferioridade. Mesmo os seus balanços têm um tom afirmativo, não melancólico.

¹¹ CANDIDO, A., op. cit., p. 119-120.

¹² SANTOS, B. S. “Onze teses para mais uma descoberta de Portugal”. In: *Pela mão de Alice*. O social e o político na pós-modernidade, p. 59.

¹³ LAFETÁ, J. L. “Os pressupostos básicos”. In: *A crítica e o modernismo*, p. 12.

¹⁴ NEGREIROS, A. “Manifesto Anti-Dantas e Por Extenso”. In: *Textos de intervenção*, p. 19.

¹⁵ Id., “Orpheu”, op. cit., p. 178.

¹⁶ ANDRADE, O. de. “O caminho percorrido”. In: *Ponta de lança*, p.111.

O original em Oswald é que “abrasileirar o Brasil” passa pelo questionamento dos valores eurocêntricos seguido da reconciliação com a colonização portuguesa. Também para Almada, a descoberta de que Portugal não pesa nada na balança da Europa, é a descoberta de que só poderá ser um país europeu “diferente”, o que o leva a reforçar a singularidade portuguesa.

Oswald de Andrade e Almada Negreiros inventaram modos de existência, para si, para seus países. Muitos dos “pensamentos-fulgurações” com que captaram traços da própria cultura continuam válidos até hoje.